

Envolvimento da família, geração familiar e as práticas de conservadorismo contábil

Darcle Costa Silva Haussmann , Micheli Aparecida Lunardi , Roberto Carlos Klann 

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau-SC, Brasil.



darcle@furb.br
micheli.lunardi@yahoo.com.br
rklann@furb.br

Editado por:
Antonio Gualberto Pereira

Abstract

Objetivo: Consiste em avaliar a relação entre o envolvimento da família e a geração familiar da empresa nas práticas de conservadorismo contábil. A população para este estudo compreende contadores de empresas familiares e não familiares do Brasil.

Método: O questionário, que foi o principal instrumento de coleta de dados, foi aplicado em 183 respondentes para obter informações sobre as variáveis analisadas no estudo. A pesquisa foi realizada entre março e julho de 2019. Para a análise dos dados realizou-se a Análise dos Componentes Principais (ACP), correlação e regressão linear múltipla (*Ordinary Least Squares* - OLS).

Resultado: Os resultados apontam para maior prática de conservadorismo contábil nas empresas familiares se comparado as empresas não familiares. Os achados também revelam que quanto menor o envolvimento da família na administração da empresa, menor o conservadorismo contábil. Além disso, os resultados apontam que a primeira geração de empresas familiares é mais propensa a práticas contábeis mais conservadoras. De maneira geral, percebe-se que a propriedade da empresa sendo familiar pode ser um fator para qualidade da informação contábil.

Contribuição: O estudo contribui ao demonstrar que o envolvimento da família e a respectiva geração que está no poder são determinantes para práticas contábeis mais conservadoras. Ainda, tais resultados contribuem para que os investidores possam tomar decisões de investimento em empresas familiares, pois a geração familiar pode implicar em relatórios de melhor qualidade.

Palavras-chave: Conservadorismo contábil. Empresas familiares. Envolvimento familiar. Geração familiar.

Como citar:

Haussmann, D. C. S., Lunardi, M. A., & Klann, R. C. (2022). ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA, GERAÇÃO FAMILIAR E AS PRÁTICAS DE CONSERVADORISMO CONTÁBIL. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 15(2), 107–120. <https://doi.org/10.14392/asaa.2022150206>

Recebido: 6 de Dezembro de 2021
Revisões requeridas: 27 de Maio de 2022
Submetido a nova rodada em: 3 de Junho de 2022
Aceito: 28 de setembro de 2022

Introdução

O controle da propriedade da família atraiu considerável atenção acadêmica. Empresas familiares são compostas por investidores de longo prazo, que se preocupam com a sobrevivência, herança e um relacionamento duradouro com os credores (Anderson et al., 2003; Bertrand & Schoar, 2006; Gao et al., 2020). Para mitigar os conflitos de agência, as empresas familiares adotam políticas mais conservadoras (Chen & Zhu, 2013).

Por outro lado, pesquisas sustentam que o controle familiar agrava os conflitos de agência entre acionistas e credores, por meio de direitos de controle familiar excessivos, representação da família na administração e nos conselhos corporativos (Pan & Tian, 2016; Boubakri & Ghouma, 2010). Para evitar que estranhos assumam o controle, empresas familiares relutam em contratar gestores profissionais (Cao et al., 2015; Xu et al., 2015) e optam em manter membros da família no conselho de administração.

Nesse cenário, membros da família, contadores familiares de longa data e até mesmo amigos íntimos geralmente constituem uma maioria no conselho, conhecidos como membros *C-suites*. Nesse caso, a maior quantidade de membros *C-suites* determina o envolvimento da família na gestão da empresa.

Nas empresas familiares, comumente, os fundadores são os precursores da gestão e idealizam a perpetuação da empresa por mais de uma geração, o que os levariam a adotar práticas de gestão mais conservadoras (Chen, 2019). Seus valores e crenças tendem a se propagar às demais gerações e indivíduos que o cercam. No entanto, diferentes perfis organizacionais e gerenciais podem ser percebidos entre as diferentes gerações familiares. Assim, empresas em diferentes gerações podem apresentar diferentes níveis de conservadorismo contábil.

Pesquisas anteriores sobre a interseção entre os negócios da família e o conservadorismo contábil não levaram em consideração os papéis desempenhados pelas características dos membros *C-suites* e a geração da família na empresa. Os estudos anteriores se concentraram principalmente em características objetivas do conservadorismo contábil e a propriedade familiar das empresas (Chen, 2019; Ferramosca & Ghio, 2018; Santana & Klann, 2016; Paulo et al., 2015; Moura et al., 2015; Lafond & Roychowdhury, 2008).

Por isso, alguns autores argumentam que ainda resta muito a explorar sobre os relatórios financeiros nas

empresas familiares (Gao et al., 2020, Ferramosca & Alegrine, 2018; Songini et al., 2013; Prencipe & Bar-Yosef, 2011). Considerando as lacunas acima mencionadas, o estudo possui por objetivo avaliar a relação entre o envolvimento da família e a geração familiar da empresa nas práticas de conservadorismo contábil.

As empresas familiares constituem a forma de negócios mais fundamental da estrutura organizacional nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Representam uma categoria particular de empresas na qual o proprietário controlador é uma família, cujos membros, na maioria das vezes, são descendentes do fundador da empresa. De acordo com o Sebrae (2020), cerca de 90% das empresas brasileiras tem a maioria dos negócios formados com base em empresas familiares. Dessa maneira, tais empresas contribuem significativamente com a economia do país.

Esta pesquisa contribui ao evidenciar que o controle familiar, exercido por meio de um nível diversificado de envolvimento dos membros da família nos cargos de direção, desempenha um papel fundamental na identificação dos antecedentes das práticas do conservadorismo contábil.

Para Ferramosca e Allegrini (2018), o envolvimento da família gera o alinhamento de interesses, o que faz com que os gerentes se comportem conforme determinantes impostos pela família. As empresas familiares podem suportar pressões mais elevadas para manter uma boa reputação e reduzir o risco de litígios quando há maior envolvimento da família em cargos de chefia, gerando maior conservadorismo contábil.

No que se refere à geração da família e o conservadorismo contábil, o estudo contribui ao demonstrar que a geração familiar é um fator determinante para as práticas do conservadorismo contábil. Tal informação fornece subsídios para investidores em suas decisões de investimento em empresas familiares, pois a geração familiar pode implicar em relatórios de melhor qualidade.

Outra contribuição desta pesquisa é analisar o conservadorismo contábil de modo direto, questionando os próprios contadores, responsáveis pela elaboração das demonstrações contábeis. Ainda, este procedimento permite incluir no estudo empresas de capital fechado, que geralmente não fazem parte de pesquisas sobre conservadorismo contábil, devido à dificuldade de acesso aos dados.

2. Revisão de Literatura

O conservadorismo é um atributo importante de relatórios contábeis de alta qualidade e é frequentemente usado para avaliar a qualidade da informação contábil. No contexto do conservadorismo contábil, aponta-se para a existência de conservadorismo condicional e incondicional. No conservadorismo condicional, os resultados estão mais positivamente associados aos retornos atuais das ações quando eles são negativos (perdas), do que quando são positivos (ganhos). Sendo assim, se reconhece mais rapidamente perdas do que ganhos (Basu, 1997; Ball & Shivakumar, 2005; Beaver & Ryan, 2005; Lafond & Roychowdhury, 2008; Santana & Klann, 2016). No conservadorismo incondicional adota-se o menor valor para os ativos e receitas e maior valor para passivos e despesas entre duas ou mais possibilidades de registro (Ball & Shivakumar, 2005).

Ainda, outras práticas de conservadorismo são adotadas pelas empresas, destaca-se que a adoção do custo histórico por base de valor. Para Coelho e Lima (2007) a estrutura normativa da legislação contábil (Norma Legal, IBRACON, CFC, CVM) tende a ser conservadora, pela adoção do Custo Histórico como Base de Valor. Paulo et al. (2008) destaca que o reconhecimento de ativos com base no custo histórico é destacado como um exemplo de prática do conservadorismo, visto que privilegia métodos contábeis que resultam em menor valor para o ativo/receita ou maior valor para o passivo/despesas.

Também constituem práticas de conservadorismo, a utilização da média ponderada para estoques, quando comparado com o PEPS (primeiro que entra, primeiro que sai). Em um cenário de inflação, o PEPS subavalia o custo dos produtos quando estão em estoque, inflacionando o lucro. Na média ponderada, o estoque é avaliado com base nos custos mais antigos e recentes, o que pode apresentar um lucro menor do que o método PEPS. O que indica que o método-média ponderada é mais conservador que o PEPS.

No que tange às práticas do conservadorismo contábil nas empresas familiares, Cascino et al. (2010) perceberam que a qualidade da informação, percebida pela persistência dos lucros, qualidade dos *accruals*, suavidade e relevância, é impulsionada positivamente pela alta concentração familiar na gestão da empresa. Deste modo, as empresas familiares comparando com as empresas não familiares apresentaram qualidade da informação contábil superior, demonstrando influência positiva da propriedade familiar na qualidade de relatórios contábeis.

Para Chen et al. (2014), os proprietários de empresas familiares têm o poder de influenciar os relatórios financeiros. Os autores destacam que sua participação acionária significativa e o fato de muitos estarem envolvidos na operação diária das empresas, seja como administradores ou como membros do conselho, aumentam a capacidade de implementar relatórios financeiros mais conservadores. Ainda, a riqueza dos proprietários familiares está vinculada a empresa e eles não podem diversificar facilmente suas participações. Essa posição única lhes dá incentivos mais fortes para implementar mecanismos para mitigar custos de agência e responsabilidade legal, como relatórios financeiros conservadores.

Ainda, pesquisas propõem dois impulsionadores principais do conservadorismo contábil: custos de agência e de litígio (Basu, 1997; Watts, 2003; Ball & Shivakumar, 2005; Armstrong et al., 2010). As características únicas da propriedade familiar levam a maiores incentivos para que os proprietários das empresas familiares exijam relatórios financeiros conservadores, porque eles têm mais a perder com os custos de agência e de litígios (Chen et al., 2014; Anderson et al., 2003).

Além disso, para Ferramosca e Allegrini (2018) e Dawson et al. (2020), empresas familiares possuem preocupação com a sua reputação e possuem desejo de proteger seus nomes de escândalos contábeis. Desse modo, tais indicativos podem levar as empresas familiares a apresentarem relatórios contábeis de maior qualidade, utilizando-se do conservadorismo contábil.

Desta maneira, elaborou-se a primeira hipótese de pesquisa;

H1: Empresas familiares são mais propensas às práticas de conservadorismo contábil do que empresas não familiares.

No que se refere aos gerentes de níveis mais elevados das organizações, a literatura tem avaliado como membros *C-suites*, que consistem no diretor executivo (CEO), diretor financeiro (CFO), diretor de operações (COO) ou diretor de informações (CIO). Menz (2012) sugeriu que, mesmo que os membros da equipe de gestão superior sejam diversos, todos compartilham características, o que permite defini-los como executivos seniores ou *C-suites*. Além disso, todos os gerentes *C-suites* em estruturas organizacionais se reportam diretamente ao CEO (Guadalupe et al., 2014), interferindo nas sugestões, análises e recomendações de outros membros de nível superior (Groysberg et al., 2011).

Para Ferramosca e Alegrini (2018), a maior quantidade de membros C-suites da família na administração da empresa pode determinar o seu maior envolvimento nas decisões organizacionais. No geral, as evidências teóricas e empíricas sugerem que os gerentes influenciam nas escolhas estratégicas da organização, e as decisões contábeis estão entre as ferramentas empregadas para moldar as racionalidades estratégicas da empresa (Skærbæk & Tryggestad, 2010).

As empresas familiares com maior presença de membros da família na equipe de gestão são consideradas mais socialmente responsáveis (López-Gonzalez et al., 2019). Desse modo, os gerentes familiares vão querer sinalizar para as partes interessadas atributos positivos (Connelly et al., 2011) relacionados à legalidade de suas operações, por meio de práticas contábeis mais conservadoras.

Chrisman et al. (2015) destacam que o envolvimento da família na gestão aumenta a probabilidade de que a empresa familiar opere dentro dos limites da legalidade, pois reforça a capacidade dos membros da família de se envolverem em um comportamento consistente com os requisitos legais, porque eles são os membros dominantes na equipe da alta administração. Além disso, com a maior quantidade de membros da família na gestão na empresa, maior o poder de monitoramento e incentivos. Assim, os gerentes familiares terão menor assimetria de informação na empresa e maior poder para controlar a alocação legal e o uso dos recursos da empresa (Jensen & Meckling, 1976), o que pode implicar em práticas contábeis mais conservadoras. Assim elaborou-se a segunda hipótese de pesquisa:

H2: Há relação positiva entre o número de membros C-suites e as práticas do conservadorismo contábil.

A geração familiar que a empresa se encontra também deve aumentar a probabilidade de a empresa familiar se comportar dentro dos limites da legalidade. A primeira geração tende a se preocupar com a maior reputação da empresa, visto que está em fase de crescimento (Sciascia et al., 2014). Para García-Meca e Palacio (2018), empresas preocupadas com sua reputação tendem a práticas contábeis conservadoras.

Dyer (1988) apresentou que 80% das empresas administradas pela primeira geração possui cultura paternalista. Já na segunda geração, mais de 2/3 das empresas adotavam um estilo mais profissional. A cultura paternalista é marcada pelo relacionamento hierárquico, controle (forte supervisão) e poder centralizado do fundador, no entanto, na gestão profissional a predominância de administradores não

pertencem à família. A visão paternalista tende a ser mais conservadora e cuidadosa com tomadas de decisões mais arrojadas, pela preocupação com a continuidade dos negócios e poder de controle da família. Logo, é razoável supor que, neste caso, que práticas contábeis sejam mais conservadoras.

Quando a empresa familiar passa da primeira geração, centrada no fundador, para a segunda geração, ela tem que encontrar novas maneiras de renovar e fazer crescer o negócio, enquanto lida com a influência e o legado do fundador (Kelly et al., 2000). Isso geralmente significa que a segunda geração precisa de uma maior consciência do ambiente externo e apresentar melhores resultados (Cruz & Nordqvist, 2012), o que pode levar a práticas contábeis menos conservadoras.

Além disso, a partir da segunda geração, geralmente há mais gestão não familiar e uma influência familiar reduzida (Cruz & Nordqvist, 2012). Como resultado, o vínculo emocional anterior da família e a identificação com a empresa são reduzidos, ou seja, há menos foco na preservação da riqueza socioemocional e reputação (Gomez-Mejia et al., 2011; Sciascia et al., 2014), implicando em menores práticas de conservadorismo contábil.

Estudos sugerem que gerações de empresas familiares podem ter impactos diferentes na qualidade da informação contábil (Ferramosca & Allegrini, 2018; Ferramosca & Ghio, 2018). Desta maneira, investiga-se o impacto intergeracional das empresas familiares na qualidade da informação contábil, por meio de práticas de conservadorismo contábil.

Deste modo, espera-se que as empresas familiares de primeira geração tenham práticas contábeis mais conservadoras. Isso é consistente com o argumento de que os membros da família de primeira geração estão mais preocupados com a sua reputação e relações socioemocionais (Muttakin et al., 2014). Ou seja, por serem normalmente os fundadores das organizações, tiveram que se envolver em cada processo inicial e preocupam-se em deixar um legado para os seus sucessores, motivando-os a ser mais propensos ao conservadorismo e não exposição ao risco. Assim, elaborou-se a terceira hipótese de pesquisa.

H3: Empresas familiares na primeira geração apresentam maior conservadorismo contábil.

3 Procedimentos Metodológicos

A definição da população desta pesquisa foi estabelecida

a partir da identificação das empresas que possuem contadores realizando as atividades de contabilidade internamente. A pesquisa foi realizada entre março e julho de 2019. A amostra analisada é caracterizada como não-probabilística, intencional e obtida por acessibilidade. Contou com a participação de contadores de diferentes empresas familiares e não familiares sediadas no Brasil. Optou-se pelo profissional contador, pelo fato deste assumir diferentes posturas em diferentes empresas, o que o torna uma peça estratégica dentro das organizações. Ele é o profissional que possui excelência nas informações contábeis.

Para a definição da amostra a ser investigada, utilizou-se o auxílio de grupos no *LinkedIn*. Após a identificação dos profissionais que exercem a função de contador nas empresas, enviou-se inicialmente um convite a eles pela rede de negócios *LinkedIn*. A partir do recebimento do aceite do convite pelo profissional, realizou-se o envio do link do questionário, elaborado no Google Docs. Foram encaminhados 1.968 convites. Destes, 612 aceitaram responder o instrumento de pesquisa. Por fim, obteve-se 183 questionários válidos, sendo 102 de empresas familiares e 81 de empresas não familiares.

Para mensurar a variável de conservadorismo contábil (CC), optou-se por utilizar um questionário, enviado aos contadores por meio do *LinkedIn*, conforme procedimento explicado acima. Como a amostra contempla empresas de capital aberto, capital fechado e empresas de sociedade limitada, não seria possível obter os dados dessas últimas para se calcular o CC condicional segundo os modelos econométricos tradicionais, como o de Basu (1997), por exemplo.

O instrumento de conservadorismo foi adaptado e atualizado a partir do modelo de Chanchani e Willett (2004). Conforme proposto pelos autores os itens um e quatro foram considerados referentes à mensuração, já os itens dois e três à divulgação. Deste modo, o constructo apresenta aspectos de mensuração e divulgação. Como exemplo, a ideia de que os custos históricos são mais relevantes do que os valores de mercado para a tomada de decisão, ou devem ser usados para a tomada de decisão, pode ser interpretada como uma preferência pelo conservadorismo, mas são preferências de divulgação e não de mensuração. As questões de mensuração dizem respeito ao que os números representam e quais são suas propriedades estatísticas.

O item um exigiu que os respondentes apontassem a extensão da sua concordância sobre se lucros e ativos deveriam ser avaliados a menor em caso de dúvida. O item quatro solicitou aos respondentes que indicassem

a extensão de sua concordância de que em tempos de aumento dos preços, o método de controle de estoque de Custo Médio deve ser usado em vez do PEPS (Primeiro a Entrar, Primeiro a Sair). Quanto mais forte a concordância com essas declarações, maior o julgamento em que os respondentes adotam abordagens de mensuração conservadoras.

Os itens dois e três questionaram se os valores de mercado são mais relevantes do que os custos históricos e se devem ser utilizados preferencialmente aos custos históricos, respectivamente. Quando os respondentes indicassem preferência pelos custos históricos, seriam considerados conservadores. Tais procedimentos foram adaptados do constructo de Chanchani e Willett (2004).

Inicialmente, o questionário original foi traduzido para português, e este retraduzido novamente para o inglês. O pré-teste neste estudo foi realizado mediante a aplicação do instrumento de pesquisa enviado via e-mail para três pesquisadores doutores com experiência em contabilidade. Explicou-se a finalidade do pré-teste e solicitou-se a sua participação e colaboração, para que avaliassem cada item do instrumento de coleta de dados proposto.

O instrumento de pesquisa adotado para a coleta dos dados foi desenvolvido com questões objetivas, contemplando as variáveis analisadas no estudo. Na Tabela 1 estão apresentadas as variáveis utilizadas e sua definição operacional.

Tabela 1. Variáveis de Pesquisa e Definição Operacional

VARIAVEIS	MENSURAÇÃO	Escala
	Dependente	
	CC_01 - Os lucros e ativos devem ser avaliados a menor em caso de dúvidas.	
Conservadorismo	CC_02 - Os valores de mercado são geralmente menos relevantes do que os custos históricos.	Escala Likert 5 pontos
Contábil (CC)	CC_03 - Os valores de mercado devem ser geralmente usados em vez de custos históricos. *	Discordo Totalmente a Concordo Totalmente
	CC_04 - Em tempos de aumento dos preços, o método de controle de estoque de Custo Médio deve ser usado em vez do PEPS (Primeiro a Entrar, Primeiro a Sair). *	
	Independentes	
	A empresa é Classificada:	
Empresa Familiar (EF)	EF_01 - Empresa Familiar	Dicotômica
	EF_02 - Empresa não familiar	
C-Suites (CS)	A expressão "C-suite" deriva dos títulos de altos executivos seniores, que muitas vezes são precedidos pela letra C, por diretor, como diretor executivo (CEO), diretor financeiro (CFO), diretor de operações (COO) ou diretor de informações (CIO). Geração da família que gerencia o negócio.	Número de membros da família envolvidos no papel C-Suites.
Geração familiar (GE)	PG_01 - Primeira geração SG_02 - Segunda geração	Primeira à terceira geração.
	TG_03 - Terceira geração	
	De Controle	
TAM	Tamanho da empresa (Ln do número de funcionários)	Identificado pelo respondente
IDA	Idade da empresa	Identificado pelo respondente
EXP	Tempo de experiência do contador na empresa	Identificado pelo respondente

Nota: *Escala inversa. Fonte: elaborado pelos autores.

Na análise descritiva realizou-se o Teste U de *Mann-Whitney*, visto que as variáveis de CC, TAM, IDA e EX não apresentaram distribuição normal para os dois grupos (empresas familiares e não familiares), para ver se eles eram significativamente diferentes. Segundo Bussab e Morettin (2003), o teste é utilizado para realizar a comparação de médias de populações diferentes e independentes, como é o caso deste estudo.

Como o constructo de conservadorismo é composto por múltiplas questões, optou-se pela redução da dimensionalidade destas por meio da Análise dos Componentes Principais (ACP). Desse modo, a utilização da ACP permite a redução de variáveis para posterior utilização nos modelos de regressão.

Tabela 2. Teste de correlação e componentes principais do constructo de CC

Painel A - Testes de Correlação entre as questões do construto				
Construto	p-valor do teste de Bartlett	p-valor do teste Kaiser - Mayer - Olkin		
Conservadorismo Contábil	0,002***	0,514		
Painel B - Componentes Principais do Construto				
Construto	Componentes	Autovalor	Proporção	Acumulado
Conservadorismo Contábil	Comp 1	1,3359	0,3340	0,3340
	Comp 2	1,1161	0,2790	0,6130
	Comp 3	0,8245	0,2061	0,8192
	Comp 4	0,7233	0,1808	1,0000

Notas: Níveis de significância: *** p<0,01. Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a realização da ACP, precisa identificar se as variáveis estão altamente correlacionadas. Para isso, utilizou-se o teste de Bartlett e o teste de *Kaiser-Meyer-Olkin*. Os resultados estão evidenciados na Tabela 2 (Painel A). Para identificar a quantidade de componente principal por construto, reteve-se o componente que apresentava autovalor superior a 1, através do critério de Kaiser. A Tabela 2 (Painel B) evidencia os autovalores, a proporção da variância explicada de cada componente e a proporção acumulada.

Os resultados evidenciados na Tabela 2 (Painel A) demonstram os testes de correlação entre as questões do constructo, cujo teste de Bartlett demonstrou-se significativo. Desta maneira, tal resultado demonstra a não rejeição da hipótese de alta correlação entre as variáveis, demonstrando a adequação dos dados para a utilização da ACP.

Para a seleção da quantidade de componentes principais por construto, no Painel B da Tabela 2 evidenciam-se os autovalores, a proporção da variância explicada por componente e a proporção acumulada. Percebe-se que o componente 1 (Comp 1) e 2 (Comp 2) apresentaram autovalor superior a um, explicando 61,30% da variância

de todas as questões. Isso indica, a partir da regra de Kaiser, que o construto obteve dois componentes principais.

A identificação das empresas familiares e não familiares foi realizada na aplicação do questionário. Para isso, inseriu-se um questionamento para o contador respondente da pesquisa, este identificou a empresa como familiar ou não familiar.

Este mesmo procedimento foi adotado para a identificação da quantidade de membros *C-suites* e a geração da empresa familiar. Para a identificação dos membros *C-suites* solicitou-se que o respondente apontasse a existência de cargos na diretoria e se eram ou não exercidos por um membro da família (CEO, CFO, COO e CIO). No que se refere à geração, inseriu-se o questionamento sobre qual a geração da família gerenciava o negócio (primeira, segunda ou terceira geração).

Em seguida, com o intuito de testar as hipóteses de pesquisa, foram rodadas regressões lineares múltiplas (OLS), tendo o CC (índice obtido pela ACP) como variável dependente; empresas familiares, quantidade de membros *C-suites* e geração familiar como independentes; e tamanho e idade da empresa e experiência do respondente como variáveis de controle. Na Equação 1 é apresentada a modelagem utilizada para avaliar a relação entre as empresas familiares e o CC. Na Equação 2 utilizou-se como variável independente os membros *C-suites*. Já na Equação 3 analisou-se a relação entre a geração familiar e o CC.

$$CC_{it} = \beta_0 + \beta_1 EF_{it} + i.setor + \epsilon$$

Equação 1

$$CC = \beta_0 + \beta_2 CS1 + \beta_2 CS2 + \beta_2 CS3 + \beta_2 CS4 + \beta_4 TAM + \beta_5 IDA + \beta_6 EX + i.setor + \epsilon$$

Equação 2

$$CC = \beta_0 + \beta_3 PG + \beta_3 SG + \beta_3 TG + \beta_4 TAM + \beta_5 IDA + \beta_6 EX + i.setor + \epsilon$$

Equação 3

Onde:

CC = Conservadorismo Contábil (índice apurado a partir da ACP)

EF = *Dummy* igual a 1 para Empresas Familiares e 0 para Não Familiares

CS1 = Um membro *C-suite*

CS2 = Dois membros *C-suites*

CS3 = Três membros *C-suites*

CS4 = Quatro membros *C-suites*

PG = Primeira geração na administração da empresa
 SG = Segunda geração na administração da empresa
 TG = Terceira geração na administração da empresa
 TAM = Tamanho da empresa
 IDA = Idade do respondente
 EXP = Tempo de experiência do respondente
 ε= Erro da Regressão

As regressões foram realizadas com erros padrões robustos. Justifica-se a realização de regressão robusta pois o teste de Breuch-Pagan apresentou-se significativo ($P = 452,12$; $p < 0,000$), indicando heterocedasticidade nos dados. Apesar da não normalidade dos dados, através do Teorema Central do Limite, esse pressuposto da regressão linear OLS foi relaxado. Além disso, testou-se a multicolinearidade entre as variáveis, pelo teste Variance Inflation Factor (VIF), e o teste Durbin Watson foi utilizado para a autocorrelação dos resíduos, cujos resultados estão apresentados na Tabela 5.

4 Análise e discussão dos resultados

4.1 Análise descritiva

A pesquisa compreendeu 183 contadores de empresas familiares e não familiares de diferentes organizações sediadas no Brasil. Destas, 102 foram classificadas como empresas familiares e 81 não familiares. Ainda, 147 são empresas nacionais e 36 multinacionais, sendo 48 de capital aberto, 49 de capital fechado e 86 sociedades limitadas. Percebeu-se ainda uma predominância (40,17%) de empresas que apresentaram faturamento anual superior a setenta milhões de reais.

Considerando-se o tempo de atuação dessas empresas, verificou-se que 53,5% possuem de 10 a 50 anos de existência, 30% com mais de 50 anos e cerca de 16,4% apresentam até dez anos de existência no mercado. Em relação ao número de empregados, 90 empresas possuem até 100 colaboradores, 39 até 1.000 e há ainda 54 empresas com mais de 1.000 empregados.

Tabela 3. Estatística descritiva do constructo CC, variáveis contínuas, variáveis dicotômicas e composição da amostra por setor

Painel A - Estatística descritiva do constructo CC										
Variável	Ind.	Empresas Familiares		Empresas Não Familiares		Teste de Mann Whitney				
		Média	DP	Média	DP	t	p-value			
Conservadorismo Contábil	CC01	3,72	1,25	3,91	1,05	0,664	0,506			
	CC02	2,56	1,18	2,68	1,06	0,953	0,340			
	CC03	2,67	1,18	2,77	1,06	0,638	0,523			
	CC04	2,36	1,32	2,36	1,23	-0,208	0,835			
Painel B - Estatística descritiva das variáveis contínuas										
Var.	Empresas Familiares				Empresas Não Familiares				Teste de Mann-Whitney	
	Média	DP	Pctl 25%	Pctl 75%	Média	DP	Pctl 25%	Pctl 75%	t	p-value
CC	0,011	0,114	-0,067	0,064	-0,015	0,096	-0,083	0,034	-1,389	0,164
TAM	4,087	2,456	2,302	5,416	6,596	3,3248	4,382	9,234	5,282	0,000
IDA	40,716	9,526	32,5	48,5	30,5	9,687	30	43	3,571	0,000
EXP	9,627	6,310	5	10	9,278	6,896	5	15	-0,551	0,582
Painel C - Estatística descritiva das variáveis dicotômicas										
Variáveis	Categoria		Observações		Frequência					
EF	EF		102		55,74					
	ENF		81		44,26					
	PG		43		42,16					
GE	SG		46		45,10					
	TG		13		12,75					
	CS1		20		19,61					
CS	CS2		18		17,65					
	CS3		16		15,69					
	CS4		48		47,06					
Painel D: Composição da amostra por setor										
Sector	Empresa Familiar				Empresa não familiar					
Consumo Básico	4				3					
Consumo Discricionário	53				31					
Cuidados de Saúde	6				2					
Energia	11				7					
Imóveis e Locação	1				4					
Industrial	11				13					
Materiais	2				5					
Serviços de Comunicação	4				7					
Serviços de Utilidade Pública	8				4					
Tecnologia da Informação	2				5					
(=) Total	102				81					

Legenda: CC. Conservadorismo Contábil; TAM. Tamanho. IDA. Idade dos respondentes; EX. Tempo de Experiência; CS. Membros C-Suites; GE: Geração da Empresa; EF. Dummy para empresas familiares; ENF. Dummy para empresas não familiares; PG. Primeira geração; SG. Segunda geração; TG. Terceira geração. CS1. Um membro C-suites; CS2. Dois membros C-suites; CS3. Três membros C-suites; CS4. Quatro membros C-suites; Pctl = Percentil. Notas: Níveis de significância: * $p < 0,1$, ** $p < 0,05$, *** $p < 0,01$. Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 3, inicialmente, verifica-se a distribuição das empresas de acordo com a classificação familiar e não familiar. Em seguida, a análise descritiva dos resultados é demonstrada, como a avaliação da média e desvio padrão, seguido do Teste de Mann-Whitney para a diferença das médias de cada constructo. O Painel A demonstra a estatística descritiva para os indicadores de mensuração do conservadorismo contábil. Percebe-se, pelo Teste de Mann-Whitney, que não existe diferenças significativas entre as práticas conservadoras entre os dois grupos de empresas.

No que se refere ao Painel B (Tabela 3), verifica-se que não existe diferença significativa entre o fator gerado pela ACP do conservadorismo contábil para as empresas familiares e não familiares. No entanto, nota-se existência de diferenças de médias para a idade e tamanho das empresas. No geral, empresas familiares são menores e mais velhas do que as empresas não familiares.

No Painel C (Tabela 3) verifica-se que a maior concentração da amostra corresponde as empresas familiares (55,74% da amostra). Destas, 42% correspondem à primeira geração e 45% à segunda geração. Ainda, no que consiste aos membros C-suites, 47% das empresas possuem quatro membros na administração.

Os dados apresentados no Painel D (Tabela 3) demonstram que o setor de maior concentração de respondentes corresponde ao consumo discricionário para as empresas familiares e não familiares, seguido pelo setor industrial. Já o setor com menor participação na amostra analisada é o de imóveis e locação, tanto para as empresas familiares quanto para empresas não familiares. Em seguida, na Tabela 4 demonstra-se a matriz de correlação entre as variáveis analisadas no estudo.

Tabela 4. Matriz de correlação de Spearman

Var.	CC	EF	PG	SG	TG	CS1	CS2	CS3	CS4	TAM	ID	EX
CC	1,00											
EF	0,12	1,00										
PG	0,01	0,24*	1,00									
SG	-0,03	0,13	-0,10	1,00								
TG	0,15*	-0,14	-0,31*	-0,06	1,00							
CS1	-0,30*	0,19*	0,00	0,15*	0,02	1,00						
CS2	0,06	0,01	-0,05	-0,04	0,09	-0,12	1,00					
CS3	0,65*	0,17*	0,02	-0,03	0,06	-0,10	-0,08	1,00				
CS4	0,11	0,46*	0,37*	-0,01	-0,13	-0,25*	-0,20*	-0,16*	1,00			
TAM	0,47*	-0,39*	-0,36*	-0,00	0,26*	-0,03	-0,11	0,00	-0,39*	1,00		
IDA	0,07	-0,25*	-0,41*	-0,08	0,32*	-0,07	-0,00	-0,05	-0,17*	0,53*	1,00	
EXP	0,08	0,04	-0,11	0,14*	0,06	0,15*	0,01	0,05	-0,06	0,08	0,16*	1,00

Legenda: CC. Conservadorismo Contábil; EF. *Dummy* para empresas familiares; PG. Primeira geração; SG. Segunda geração; TG. Terceira geração. CS1. Um membro C-suites; CS2. Dois membros C-suites; CS3. Três membros C-suites; CS4. Quatro membros C-suites; TAM. Tamanho. IDA. Idade dos respondentes; EXP. Tempo de Experiência. Notas: Níveis de significância: * $p < 0,1$. Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 4, nota-se uma correlação positiva entre CC e TG (0,15), CS3 (0,65) e TAM (0,47); e negativa com CS1 (-0,30). Ainda, percebe-se correlação positiva entre EF e PG (0,24), CS1 (0,19), CS3 (0,17) e CS4 (0,46); e correlação negativa com TAM (-0,39) e IDA (-0,25). De modo geral, os dados da Tabela 4 demonstram que não há correlação elevada entre as variáveis analisadas. Isso indica que é possível descartar possíveis problemas de multicolinearidade nos modelos de regressão a seguir.

4.2 Resultados do modelo de regressão e teste de hipótese

Na Tabela 5 demonstram-se as regressões para se testar as hipóteses da pesquisa. Nos Modelos 1, 2 e 3, a variável dependente é a *proxie* do conservadorismo contábil, mensurada pela ACP. A variável independente de interesse no Modelo 1 é EF, no Modelo 2 é a quantidade de membros *C-suites* e no Modelo 3 a geração familiar que administra a empresa.

Tabela 5. Resultados da regressão do envolvimento da família, geração familiar nas práticas de CC.

CC	SP	Equação 1		Equação 2		Equação 3	
		Coef.	Test t	Coef.	Test t	Coef.	Test t
Const.	+/-	-0,1468***	-3,36	-0,1530***	-0,73	-0,1278***	-4,26
EF	+	0,0870***	5,96	0,00007*	1,29	0,0789***	5,64
CS1	-			-0,0100***	-2,20		
CS2	-			0,1272***	1,29		
CS3	+			0,3409***	5,40		
CS4	+			0,1441***	2,20		
PG	+					0,0297**	1,91
SG	+					-0,0633	-1,43
TG	-					0,0325	1,83
TAM	+/-	0,0256***	9,59	0,0306***	2,26	0,0261***	10,29
IDA	-	-0,0359***	-0,04	-0,0420***	-1,94	-0,0382***	-3,21
EXP	+	0,0041	0,73	0,0039***	0,18	0,0054	1,00
Efeito fixo Setor			Sim		Sim		Sim
R ²			0,4303		0,3205		0,3929
VIF			1,12 a 1,76		1,17 a 2,14		1,07 a 1,63
DW			1,79		1,89		1,75
N			183		183		183

Legenda: CC. Conservadorismo Contábil; EF: Empresa familiar; PG. Primeira geração; SG. Segunda geração; TG. Terceira geração. CS1. Um membro *C-suites*; CS2. Dois membros *C-suites*; CS3. Três membros *C-suites*; CS4. Quatro membros *C-suites*; TAM. Tamanho. IDA. Idade dos respondentes; EXP. Tempo de Experiência. Notas: Níveis de significância: * p<0,1, ** p<0,05, *** p<0,01. Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme demonstrado na Tabela 5, foi utilizada a regressão OLS foi controlada por setor e ano e com estimadores robustos. Os testes de *Durbin-Watson* apresentaram estatística próxima de 2,0 em todas as regressões, não revelando problemas de autocorrelação. Além disso, a multicolinearidade não é um problema em nenhuma das regressões testadas na pesquisa.

A Tabela 5 apresenta os resultados dos testes usando a propriedade familiar como variável independente, a fim de capturar o efeito da propriedade e do controle familiar no conservadorismo contábil. Na coluna 1 (Equação 1) estão os resultados para a regressão analisando apenas as empresas familiares e as variáveis de controle. Os resultados apontam uma relação positiva e significativa (0,0870, $p < 0,01$) entre as empresas familiares e as práticas de conservadorismo contábil. Este resultado indica que a H_1 da pesquisa não pode ser rejeitada. Tais achados convergem com Chen et al. (2014) e Cascino et al. (2010), que apontam que empresas familiares apresentam práticas contábeis mais conservadoras.

Conforme Cascino et al. (2010) a alta concentração de propriedade e a propriedade familiar produzem efeito positivo na qualidade da informação contábil. Para Chen et al. (2014), os proprietários de empresas familiares estão envolvidos na operação diária das empresas, seja como administradores ou como membros do conselho, o que possibilita a implementação de relatórios financeiros mais conservadores.

Na coluna 2 (Equação 2 - Tabela 5), avaliou-se o envolvimento dos membros da família em funções de *C-suites* e sua relação com o conservadorismo contábil. O envolvimento da família foi mensurado pela quantidade de membros *C-suites* ocupando cargos de diretoria (CEO, CFO, COO e CIO). Os resultados apontam relação negativa entre o conservadorismo contábil e CS1 (-0,0100 $p < 0,01$) e positiva com os membros *C-suites* CS2 (0,1272, $p < 0,01$), CS3 (0,3409, $p < 0,01$) e CS4 (0,1441, $p < 0,01$). Desta maneira, a hipótese H_2 não pode ser rejeitada.

Deste modo, tais achados indicam que quanto maior a quantidade de membros da família que estiverem envolvidos na administração da empresa, maior o nível de conservadorismo contábil e, por consequência, a qualidade da informação contábil. Os resultados confirmam a literatura sobre empresas familiares: em um nível relativamente alto de envolvimento da família, prevalece uma contabilidade mais conservadora, levando a um alinhamento de interesses e maior qualidade da informação contábil.

Neste mesmo sentido, López-Gonzalez et al. (2019) destaca que a maior presença de familiares na equipe de gestão leva a maiores práticas socialmente responsáveis. Tal fato ocorre devido os gerentes familiares quererem sinalizar ao mercado informações positivas relacionadas à legalidade de suas operações, por meio de práticas contábeis mais conservadoras (Connelly et al., 2011).

Ainda, Chrisman et al. (2015) o envolvimento da família influencia na probabilidade de que a empresa familiar opere dentro da legalidade, pois os membros da família são os dominantes na equipe da alta administração. Além disso, com a maior quantidade de membros da família na gestão na empresa, maior o poder de monitoramento e incentivos, o que impacta em maiores práticas de conservadorismo contábil.

Finalmente, no Modelo 3 testou-se a relação entre a geração da empresa familiar e o conservadorismo contábil (Hipótese 3). Os resultados sugerem que empresas que estão na primeira geração (0,0297; $p < 0,05$) são mais propensas a práticas de conservadorismo contábil, confirmando a hipótese H_3 . Tais evidências são percebidas por Ferramosca e Allegrini (2018) e Ferramosca e Ghio (2018), de que diferentes gerações na administração da empresa possuem diferentes efeitos na qualidade dos relatórios contábeis.

No que se refere às variáveis de controle, os resultados indicam que empresas maiores possuem maior probabilidade de práticas contábeis conservadoras. Para Beck et al. (2005), empresas maiores são mais sensíveis à visibilidade, a fim de atrair capitais. Normalmente, são submetidas a exigências de divulgação mais elevadas por parte dos *stakeholders*, recorrendo a práticas de conservadorismo contábil.

Ainda, identificou-se que contadores mais experientes tendem a maiores práticas de conservadorismo contábil. Tal achado está alinhado a perspectiva de Ferramosca e Allegrini (2018), em que a experiência dos profissionais desempenha um papel fundamental nas práticas contábeis nas empresas familiares.

Por fim, empresas com profissionais na contabilidade mais jovens apresentaram maior propensão ao conservadorismo contábil. Este resultado diverge aos apontamentos de Chong et al. (2012) que indivíduos mais velhos estariam mais propensos a práticas de qualidade de informação contábil, devido sua experiência e conhecimento. No entanto, contadores mais jovens podem sofrer pressões para postura conservadora, visto a sua inserção recente no mercado de trabalho.

4.3 Teste de Sensibilidade

A Tabela 6 apresenta os achados das regressões estimadas nos três modelos com a variável dependente CC mensurada pela média da escala.

Conforme apresentado na Tabela 6, percebe-se uma relação positiva e significativa (0,5817; $p < 0,01$) entre as

práticas de CC e empresas familiares. Identificou-se ainda relação positiva entre a maior quantidade de membros C-suites e o conservadorismo contábil. Além disso, verificou-se relação positiva entre a primeira geração da empresa e o conservadorismo contábil (0,0925; $p < 0,10$). Tais evidências reforçam os resultados encontrados pela ACP (Tabela 5).

Tabela 6. Resultado regressão conservadorismo mensurado pela média das escalas

CC	Sinal Previsto	Equação 1		Equação 2		Equação 3	
		Coef.	Test t	Coef.	Test t	Coef.	Test t
Const.	+/-	0,2170	0,36	0,0699	0,11	0,6088***	2,65
EF	+	0,5817***	3,53	0,4215**	2,27	0,2650**	2,21
CS1	-			0,5492	2,56		
CS2	-			0,8114***	3,01		
CS3	+			0,4443***	1,44		
CS4	+			0,2147***	1,08		
PG	+					0,0925*	0,58
SG	+					0,0159	0,07
TG	-					0,3319	1,04
TAM	+/-	0,0118***	0,35	0,3804***	0,75	0,0148***	1,01
IDA	-	-0,2522***	-1,77	-0,07924***	-1,32	-0,0689***	-1,01
EXP	+	0,1125	1,88	0,2481***	1,72	0,1016**	3,03
Efeito Fixo Setor		Sim		Sim		Sim	
R ²		15,97		21,32		29,33	
VIF		1,13 a 1,76		1,19 a 2,30		1,04 a 1,04	
DW		2,00		2,05		1,77	
N		183		183		183	

Legenda: CC. Conservadorismo Contábil; EF. Empresa familiar; PG. Primeira geração; SG. Segunda geração; TG. Terceira geração. CS1. Um membro C-suites; CS2. Dois membros C-suites; CS3. Três membros C-suites; CS4. Quatro membros C-suites; TAM. Tamanho. IDA. Idade dos respondentes; EXP. Tempo de Experiência. Notas: Níveis de significância: * $p < 0,1$, ** $p < 0,05$, *** $p < 0,01$. Fonte: Elaborado pelos autores.

5. Considerações Finais

O estudo objetivou avaliar a relação entre o envolvimento da família e a geração da empresa nas práticas de conservadorismo contábil. Os resultados demonstraram que o conservadorismo contábil está relacionado positivamente com as empresas familiares no cenário brasileiro.

Ainda, empresas com um número maior de membros C-suites estão sujeitas a maiores práticas de conservadorismo contábil. Além disso, os resultados do estudo demonstraram que empresas familiares na primeira geração são mais propensas às práticas contábeis mais conservadoras.

Os resultados são consistentes com considerações de riqueza socioemocional, porque o envolvimento maior da família aumenta as preocupações dos membros sobre a possibilidade de “manchar” o nome da organização familiar e, assim, aumenta seu desejo de proteger seus nomes de escândalos contábeis. Além disso, como dito anteriormente, quanto maior o envolvimento dos membros da família, maior o monitoramento dos comportamentos, o que implica em práticas contábeis mais conservadoras.

O estudo contribui ao acrescentar à literatura sobre a prática do conservadorismo contábil em empresas familiares, especificamente no que diz respeito à literatura de CC em empresas familiares, ao identificar alguns drivers-chave, nomeadamente o envolvimento da família na gestão e a geração em que a empresa se encontra. Assim, abre-se uma nova questão no debate acadêmico sobre o CC nas empresas familiares, ou seja, o que impulsiona sua prática.

Este estudo agrega valor à literatura ao adotar uma abordagem comparativa com pesquisas anteriores focadas em empresas de capital aberto (Drago et al., 2018; Ferramosca & Allegrini, 2018). As hipóteses foram baseadas no comportamento de empresas familiares públicas e privadas. Essas últimas apresentam uma estrutura de poder e gestão, bem como interesses de acionistas diferentes em comparação com empresas familiares listadas. O estudo preenche uma lacuna identificada na pesquisa de empresas familiares, como Paiva et al. (2016) e Duréndez & Madrid-Guijarro (2018), em relação à escassa evidência sobre a qualidade do relatório e diferentes tipos de empresas familiares, especificamente empresas familiares não listadas.

A presente pesquisa também tem implicações práticas. Os resultados indicam que a propriedade da empresa pode ser um determinante do conservadorismo contábil.

Demonstra-se também que o envolvimento da família pode ser benéfico, porque uma empresa familiar pode apresentar relatórios contábeis de maior qualidade quando existe maior envolvimento de membros da família na direção da empresa, o que está em linha com o observado por Ferramosca e Allegrini (2018).

Algumas limitações são inerentes ao estudo. O questionário aplicado na pesquisa é preenchido voluntariamente pelos contadores das empresas e embora consideremos isso como seu desejo de sinalizar comportamento - também pode introduzir um viés de seleção. Além disso, não se coletou dados adicionais sobre as características dos membros da família (por exemplo, nível de educação, laços sociais e políticos, afiliações profissionais), que podem influenciar a disposição e o envolvimento com as práticas conservadoras.

Ainda, apesar de boa parte da literatura citada tratar da reputação das empresas, neste estudo este elemento não foi medido, considerando-se apenas a relação entre conservadorismo contábil e características de empresas familiares. Portanto, não é possível fazer qualquer inferência sobre a relação entre conservadorismo contábil e reputação das empresas familiares.

Referências

- Anderson, R. C., Mansi, S. A., & Reeb, D. M. (2003). Founding family ownership and the agency cost of debt. *Journal of Financial Economics*, 68(2), 263-285. DOI: 10.1016/S0304-405X(03)00067-9
- Armstrong, C. S., Guay, W. R., & Weber, J. P. (2010). The role of information and financial reporting in corporate governance and debt contracting. *Journal of Accounting and Economics*, 50(2-3), 179-234. DOI: 10.1016/j.jacceco.2010.10.001
- Ball, R., & Shivakumar, L. (2005). Earnings quality in UK private firms: comparative loss recognition timeliness. *Journal of Accounting and Economics*, 39(1), 83-128. DOI: 10.1016/j.jacceco.2004.04.001
- Basu, S. (1997). The conservatism principle and the asymmetric timeliness of earnings. *Journal of Accounting and Economics*, 24(1), 3-37. DOI: 10.1016/S0165-4101(97)00014-1
- Beaver, W. H., & Ryan, S. G. (2005). Conditional and unconditional conservatism: concepts and modeling. *Review of accounting studies*, 10(2), 269-309.
- Beck, T., Demirgüç-Kunt, A. S. L. I., & Maksimovic, V. (2005). Financial and legal constraints to growth: does firm

- size matter?. *The journal of finance*, 60(1), 137-177.
- Bertrand, M., & Schoar, A. (2006). The role of family in family firms. *Journal of Economic Perspectives*, 20(2), 73-96.
- Boubakri, N., & Ghouma, H. (2010). Control/ownership structure, creditor rights protection, and the cost of debt financing: International evidence. *Journal of Banking & Finance*, 34(10), 2481-2499. DOI: 10.1016/j.jbankfin.2010.04.006
- Bussab, W.O. Morettin, P.A. (2013). Estatística básica, 8 ed., Saraiva, p. 568.
- Cascino, S., Pugliese, A., Mussolino, D., & Sansone, C. (2010). The influence of family ownership on the quality of accounting information. *Family Business Review*, 23(3), 246-265. DOI: 10.1177/0894486510374302
- Cao, J., Cumming, D., & Wang, X. (2015). One-child policy and family firms in China. *Journal of Corporate Finance*, 33, 317-329. DOI: 10.1016/j.jcorpfin.2015.01.005
- Chanchani, S., & Willett, R. (2004). An empirical assessment of Gray's accounting value constructs. *The International Journal of Accounting*, 39(2), 125-154. DOI: 10.1016/j.intacc.2004.02.003
- Chen, C., & Zhu, S. (2013). Financial reporting quality, debt maturity, and the cost of debt: Evidence from China. *Emerging Markets Finance and Trade*, 49(sup4), 236-253. DOI: 10.2753/REE1540-496X4905S416
- Chen, S., Chen, X., & Cheng, Q. (2014). Conservatism and equity ownership of the founding family. *European Accounting Review*, 23(3), 403-430. DOI: 10.1080/09638180.2013.814978
- Chen, Y. (2019). Succession of Family Firms and Accounting Conservatism. *Modern Economy*, 10(01), 298. DOI: 10.4236/me.2019.101020
- Chong, G., Huang, H., & Zhang, Y. (2012). Do US commercial banks use FAS 157 to manage earnings?. *International Journal of Accounting & Information Management*, 20(01), 78-93. DOI: 10.1108/18347641211201090
- Chrisman, J. J., Chua, J. H., De Massis, A., Frattini, F., & Wright, M. (2015). The ability and willingness paradox in family firm innovation. *Journal of Product Innovation Management*, 32(3), 310-318. DOI: 10.1111/jpim.12207
- Coelho, A. C., & Lima, I. S. (2007). Qualidade informacional e conservadorismo nos resultados contábeis publicados no Brasil. *Revista Contabilidade & Finanças*, 18, 38-49. DOI: S1519-70772007000400004
- Connelly, B. L., Certo, S. T., Ireland, R. D., & Reutzel, C. R. (2011). Signaling theory: A review and assessment. *Journal of Management*, 37(1), 39-67. DOI: 10.1177/0149206310388419
- Cruz, C., & Nordqvist, M. (2012). Entrepreneurial orientation in family firms: A generational perspective. *Small Business Economics*, 38(1), 33-49.
- Dawson, A., Ginesti, G., & Sciascia, S. (2020). Family-related antecedents of business legality: An empirical investigation among Italian family owned SMEs. *Journal of family business strategy*, 11(1), 100284. DOI: 10.1016/j.jfbs.2019.04.003
- Dyer, W. G. (1988). Culture and continuity in family firms. *Family Business Review*, 1(1), 37-50.
- Drago, C., Ginesti, G., Pongelli, C., & Sciascia, S. (2018). Reporting strategies: What makes family firms beat around the bush? Family-related antecedents of annual report readability. *Journal of Family Business Strategy*, 9(2), 142-150. DOI: 10.1016/j.jfbs.2017.11.006
- Duréndez, A., & Madrid-Guijarro, A. (2018). The impact of family influence on financial reporting quality in small and medium family firms. *Journal of Family Business Strategy*, 9(3), 205-218. DOI: 10.1016/j.jfbs.2018.08.002
- Ferramosca, S., & Allegrini, M. (2018). The complex role of family involvement in earnings management. *Journal of Family Business Strategy*, 9(2), 128-141. DOI: 10.1016/j.jfbs.2018.01.001
- Ferramosca, S., Ghio, A., (2018). *Accounting choices in family firms. An analysis of influences and implications. Contributions to Management Science*, Springer, First edn., Cham, Switzerland.
- Gao, H., He, J., Li, Y., & Qu, Y. (2020). Family control and cost of debt: Evidence from China. *Pacific-Basin Finance Journal*, 60, 101286. DOI: 10.1016/j.pacfin.2020.101286
- García-Meca, E., & Palacio, C. J. (2018). Board composition and firm reputation: The role of business experts, support specialists and community influentials. *BRQ Business Research Quarterly*, 21(2), 111-123. DOI: 10.1016/j.brq.2018.01.003
- Gomez-Mejia, L. R., Cruz, C., Berrone, P., & De Castro, J. (2011). The bind that ties: Socioemotional wealth preservation

- in family firms. *Academy of Management Annals*, 5(1), 653-707. DOI: 10.1080/19416520.2011.593320
- Groysberg, B., Kelly, L. K., & MacDonald, B. (2011). The new path to the C-suite. *Harvard Business Review*, 89(3), 60-68.
- Guadalupe, M., Li, H., & Wulf, J. (2014). Who lives in the C-suite? Organizational structure and the division of labor in top management. *Management Science*, 60(4), 824-844. DOI: 10.1287/mnsc.2013.1795
- Jensen, M. C., & Meckling, W. H. (1919). Theory of the firm: Managerial behavior, agency costs and ownership structure. In *Corporate Governance* (pp. 77-132).
- Kelly, L. M., Athanassiou, N., & Crittenden, W. F. (2000). Founder centrality and strategic behavior in the family-owned firm. *Entrepreneurship theory and practice*, 25(2), 27-42. DOI: 10.1177/10422587000250020
- Lafond, R., & Roychowdhury, S. (2008). Managerial ownership and accounting conservatism. *Journal of Accounting Research*, 46(1), 101-135. DOI: 10.1111/j.1475-679X.2008.00268.x
- López-González, E., Martínez-Ferrero, J., & García-Meca, E. (2019). Corporate social responsibility in family firms: A contingency approach. *Journal of cleaner production*, 211, 1044-1064. DOI: 10.1016/j.jclepro.2018.11.251
- Menz, M. (2012). Functional top management team members: A review, synthesis, and research agenda. *Journal of Management*, 38(1), 45-80. DOI: 10.1177/0149206311421830
- Moura, G. D. D., Franz, L., & Cunha, P. R. D. (2015). Qualidade da informação contábil em empresas familiares: influência dos níveis diferenciados de governança da BM&FBovespa, tamanho e independência do conselho de administração. *Contaduría y Administración*, 60(2), 423-446. DOI: 10.1016/S0186-1042(15)30008-5
- Muttakin, M. B., Khan, A., & Subramaniam, N. (2014). Family firms, family generation and performance: evidence from an emerging economy. *Journal of Accounting in Emerging Economies*.
- Paiva, I. S., Lourenço, I. C., & Branco, M. C. (2016). Earnings management in family firms: current state of knowledge and opportunities for future research. *Review of Accounting and Finance*. DOI: 10.1108/RAF-06-2014-0065
- Pan, X., & Tian, G. G. (2016). Family control and loan collateral: Evidence from China. *Journal of Banking & Finance*, 67, 53-68. DOI: 10.1016/j.jbankfin.2016.02.003
- Paulo, I. I. S. L. M., Paulo, E., & Cavalcante, P. R. N. (2015). Conservadorismo contábil nas companhias abertas familiares e não-familiares no mercado brasileiro. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 34(1), 19-28.
- Paulo, E., Antunes, M. T. P., & Formigoni, H. (2008). Conservadorismo contábil nas companhias abertas e fechadas brasileiras. *Revista de Administração de Empresas*, 48, 46-60.
- Prencipe, A., & Bar-Yosef, S. (2011). Corporate governance and earnings management in family-controlled companies. *Journal of Accounting, Auditing & Finance*, 26(2), 199-227.
- Santana, A. G., & Klann, R. C. (2016). Conservadorismo Contábil e a adoção das IFRS: Evidências em empresas brasileiras familiares e não familiares. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 35(1), 35-53. DOI: 10.4025/enfoque.v35i1.29417
- Sciascia, S., Mazzola, P., & Kellermanns, F. W. (2014). Family management and profitability in private family-owned firms: Introducing generational stage and the socioemotional wealth perspective. *Journal of Family Business Strategy*, 5(2), 131-137. DOI: 10.1016/j.jfbs.2014.03.001
- Sebrae (2020, agosto 7). Pais, filhos e negócios: os desafios e valores entre gerações de empreendedores. Recuperado em agosto 09, 2021, em <https://sebrae.ms/empreendedorismo/pais-filhos-e-negocios-os-desafios-e-valores-entre-geracoes-de-empreendedores/>.
- Skærbæk, P., & Tryggestad, K. (2010). The role of accounting devices in performing corporate strategy. *Accounting, Organizations and Society*, 35(1), 108-124. DOI: 10.1016/j.aos.2009.01.003
- Songini, L., Gnan, L., & Malmi, T. (2013). The role and impact of accounting in family business. *Journal of Family Business Strategy*, 4(2), 71-83. DOI: 10.1016/j.jfbs.2013.04.002
- Xu, N., Yuan, Q., Jiang, X., & Chan, K. C. (2015). Founder's political connections, second generation involvement, and family firm performance: Evidence from China. *Journal of Corporate Finance*, 33, 243-259. DOI: 10.1016/j.jcorpfin.2015.01.004
- Watts, R. L. (2003). Conservatism in accounting part I: Explanations and implications. *Accounting Horizons*, 17(3), 207-221. DOI: 10.2308/acch.2003.17.3.207